
OS ROLÊS E OUTRAS PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS JUVENIS NO LAZER NOTURNO EM MARÍLIA

THE “ROLÊS” AND OTHER YOUTH SOCIO-SPATIAL PRACTICES IN THE CITY OF MARILIA

Élvis Christian Madureira Ramos¹

RESUMO: Como se transformaram as paisagens do lazer noturno de uma cidade média ao longo de algumas gerações, no caso de Marília. Os grupos juvenis e suas diferenças socioculturais vistas a partir das formas de sociabilidade e territorialidades na cidade. E como se articularam essas mudanças de paisagem e composição sociocultural juvenil ao longo dos processos e das mudanças no tecido urbano da própria cidade.

Palavras-chave: Culturas juvenis; Cidades Médias; Socioespacialidade; Territorialidade; Lazer Noturno

ABSTRACT: As the night landscapes of leisure of the intermediate city has changed over a few generations, in the case of city Marilia. Youth groups and their socio-cultural differences seen from the forms of sociability and territoriality in the city. And was as articulated these landscape changes and socio-cultural composition of young people along the processes and changes in the urban fabric of the city.

Key words: Youth cultures; Intermediate City; Sociospatiality; Territoriality; Night-time Leisure

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa¹ visa mostrar alguns resultados derivados de descrições e entrevistas sobre a paisagem do lazer noturno de Marília. Concentrei maior atenção em analisar a recontextualização da área central em termos de lazer noturno no passado e na atualidade, uma vez que o lazer tivera e ainda tem sua maior centralidade no centro principal desta cidade. Aponto alguns resultados de pesquisa sobre as práticas espaciais de lazer de jovens que moravam na periferia pobre, como dos jovens que viviam em melhor condição de acessibilidade espacial e renda.

É um trabalho orientado na perspectiva geracional, pois visa compor as paisagens de lazer noturno dos jovens dos anos de 1970 até 1990 em suas identificações culturais e ações sócio-territoriais. Como eram as suas práticas e formas de viver a experiência da juventude, quanto ao uso de tempo livre, e em que condições poderia se falar em autonomia e/ou restrições socioespaciais para estes jovens no contexto do lazer noturno.

¹ Professor Rede Oficial de Ensino do Estado de São Paulo. Doutorando pela UNESP/PP, bolsista da FAPESP e membro da Diretoria Executiva da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Bauru - SP. E-mail: solelvis@gmail.com

Artigo recebido em outubro de 2014 e aceito para publicação em dezembro de 2014.

Vale dizer que esta pesquisa se insere no rol das pesquisas conduzidas pelo GASPERR (Grupo de Pesquisa, Produção do Espaço e Redefinições Regionais) cujos estudos vêm analisando as mudanças econômicas e estruturais relacionadas às cidades médias², tanto no âmbito intraurbano como da rede urbana. Este estudo complementa aqueles estudos urbanos na medida que tenta articular o entendimento das mudanças estruturais da cidade³ na longa duração, em paralelo com as práticas socioespaciais dos sujeitos. Neste caso, as práticas analisadas estão direcionadas para territorialidade e sociabilidade de jovens na cidade ao longo de gerações, identificando alguns segmentos e grupos que compuseram estas gerações. Também será privilegiado um determinado tempo geográfico⁴, que são as cenas que compuseram a paisagem do lazer noturno, há assim, um esforço em entretecer dois planos, o plano do tecido urbano e o plano que é tecido pelas relações sociais.

No sentido da problemática, o que está em jogo aqui é tentar descrever como diferentes segmentos juvenis em termos de renda e localização, ao longo das últimas décadas e no presente momento, experimentam o lazer noturno no âmbito de suas práticas socioespaciais. Como eram as alternativas de lazer, o que tinham que enfrentar para experimentar o lazer, o que mudou na cidade e na paisagem de lazer noturno ao longo das últimas décadas, assim como, o que não mudou, portanto, tento encontrar as continuidades e descontinuidades inerentes aos movimentos e as cenas de lazer destes períodos.

METODOLOGIA

Para iluminar o aspecto espacial sobre o lazer noturno na cidade de Marília em décadas anteriores, busquei minimizar a rigidez daquele trabalho de elencar fatos, numa ordem linear através de registros, como de jornais ou outras fontes institucionais, o que daria como resultado uma historicidade fortemente factual. Por outro lado, busquei nesse trabalho retratar a paisagem urbana do lazer, sobretudo noturno, reunindo as representações e narrativas dos próprios atores sociais que vivenciaram e compuseram eles próprios as cenas desses lazers, quanto aos espaços e as sociabilidades. Há decerto vantagens e desvantagens com uso deste método. Por exemplo, uma desvantagem é lidar as vezes com o desbotamento da memória que se torna maior conforme se alarga a distância entre cidadão e as suas experiências vivenciadas no passado. Mas a vantagem para os estudos geográficos é que se pode ter um tipo de enredo espaço-temporal, que ao mesmo tempo incorpora detalhes objetivos e impressões subjetivas vivenciadas. Onde se pode compor uma paisagem mais impressionista do lazer noturno, onde não apenas é possível saber dos lugares, mas como eles refletiam impressões e que sentimentos despertavam. Há um cuidado que não se pode deixar de considerar aqui, diz respeito ao fato de que os cidadãos, que contam seus relatos, não são contadores de histórias neutros, mas sujeitos situados sempre numa determinada condição socioeconômica e cultural, daí também o cuidado em distinguir os vieses, que muitas vezes se escondem entre uma pausa, ou nas escolhas das palavras. Portanto, há o trabalho de não só ler, mas também decodificar os relatos, afinal, sempre deve se ter também em conta que vivências pessoais num mesmo período não significam que decorrem das mesmas práticas espaciais e visões sobre a cidade. Mas esse trabalho de decodificação não visa silenciar para estas obliquidades do relato, pois como sugere Geertz (1989), a descrição não busca apenas os fatos, mas busca entender as estruturas conceituais, os significados das práticas, por isso, coisas como posturas ideológicas, representações e diferenças culturais em relação ao outro, ou outros grupos e segmentos sociais constituem um universo de valores e sistemas éticos

que ajudam a encontrar o sentido das próprias escolhas e práticas socioespaciais, talvez, mais ainda, saber como os diferentes se enxergam.

O LAZER NOTURNO DA ÁREA CENTRAL EM MARÍLIA NO PASSADO

Para entender a paisagem cultural relacionada ao lazer na cidade de Marília, foco nas práticas festivas e de lazer. Para Dumazedier (1994) a festa, geralmente, ora é compreendida como um momento de celebração e ora de transgressão. Nessa mesma linha, estudando o conteúdo das festas dos jovens ligados mais especificamente às gangues juvenis, Diógenes (1998) entende a festa como o momento do tempo livre em que se dá a possibilidade dos excessos. Por esse ângulo, isso sugere que a festa tanto é um momento de práticas sociais e espaciais que reforçam o *ethos* de uma comunidade ou do grupo, como poderia ser vista, a partir de certos comportamentos e práticas uma provocação às regras comumente aceitas, e que fariam parte dos referenciais e códigos que se formaram e sedimentaram-se ao longo de gerações. Neste argumento, seria importante uma ressalva, já que nem todos os jovens de uma geração, vão buscar os excessos, deve-se ter em mente que se está falando de grupos e segmentos juvenis variados que embora tenham uma conexão geracional⁵, podem encontrar nas práticas festivas espaços para tencionar com a normalidade, e as vezes se conformar a elas.

Porém, parece interessante explorar sejam os “excessos” ou a “conformação”, não apenas como contraponto a uma determinada ordem ética ou submissão a elas, mas como estas práticas socioespaciais podem ser consubstanciadas pela espontaneidade do grupo, movidas pela necessidade do distanciamento de controles sociais. O que abre a oportunidade de visualizarmos a dinâmica mais autônoma destes sujeitos, em suas próprias ações, ainda que não isoladas e independentes do mundo em que vivem, mas que são orientadas por outras regras e jogos internos. Portanto, o foco nas festas e espaços de sociabilidade juvenil tem relevância aqui, no sentido de entender aspectos da identidade cultural dos jovens na cidade, assim como se dão estas diferenças⁶ na cidade, ou ainda, como elas se distinguem na cidade. Procurei não ficar apenas retido ao que tipo de sinais, intenções e práticas das gerações e grupos poderiam ser identificadas como de resistência e confrontação às outras gerações ou situações de classe. O que é importante e válido, claro. Mas também atentar para as suas socioespacialidades e como a cidade se alterou com elas, ou vice-versa.

No caso dos jovens de Marília nos anos de 1960, a maior parte dos lazeres noturnos estava ligada às festas e eventos bastante regulados no centro tradicional da cidade, que era a única área central na época. A cidade tinha um forte perfil monocêntrico, confinando na área central, um centro de comércio e prestação de serviços e durante a noite, uma centralidade de lazer com movimentos e aglomerações significativa de automóveis e pessoas. Já nas áreas pericentrais havia bairros pobres reconhecidos pelas casas de madeira e cortiços, mas também casas de alvenaria, esta última um indicativo mais claro da melhor condição econômica da família.

Quanto à vida noturna, pode-se dizer que os excessos eram possíveis na noite, mas era certo dizer também que os jovens da classe média da cidade tinham poucas escolhas, o que não quer dizer que era uma cena pobre em divertimento. Os bailes e festas eram frequentes, mas também eram atividades de lazer igualmente frequentada por adultos. Claro, havia outras opções de consumo de espaço e de produtos na noite, como sorveterias, cinemas, docerias e cafeterias. Já para os mais boêmios, assim como, aos que eram dados às pândegas e a vida profissional notívaga a noite poderia se estender um pouco mais, onde os jogos da noite incluíam carteados, sinuca e até alguma licenciosidade para prazeres bem mais sensuais e libidinosos.

Entre os anos de 1960 e até nos anos 1980, as maiores festas na noite frequentadas por jovens eram realizadas nos clubes da cidade. O clube tinha dupla importância, primeiro como espaço de recreação e segundo como espaço para os jovens se socializarem com outros jovens, um ambiente seguro, onde podiam exercitar os corpos, brincar, compartilhar mensagens e códigos da sua classe social. A visibilidade social para estes jovens se fazia, portanto, nos clubes e no centro da cidade.

Neste período empresas ou produtores de eventos não eram ainda fortemente profissionalizados e influentes nas organizações das festas. Bailes e eventos relacionados a cantores e bandas musicais de projeção nacional ou regional dependiam quase que exclusivamente das iniciativas dos dirigentes de clubes de recreação e poliesportivos. Em Marília, os clubes mais importantes eram o “Yara Clube” (esse desde os anos 60 reunia jovens do centro tradicional, oriundos de uma classe média; “Marília Tênis Clube” que atendia mais a classe alta e, mais tarde, já no período dos anos 70 e 80, o “Clube dos Bancários”, instalado na zona sul da cidade, o que era no período, para muitos moradores, um lugar distante⁷, este clube tinha um diferencial a mais, pois reunia em suas festas organizadas, jovens de diferentes partes da cidade e perfis socioeconômicos, já para população mais pobre e negra da cidade, o “Clube do Alfaiates” era o *point noturno*⁸ importante para dançar e se divertir, em pleno centro da cidade. Deve-se destacar que os círculos de amizade da maioria dos jovens no período eram constituídos de amigos de vizinhança e/ou amigos formados na escola que regularmente também viviam no espaço comum dos clubes. Para os jovens pobres a rua era o espaço público para a socialização, com diversas brincadeiras e encontros. Como veremos adiante, a diversão noturna não estava apenas no centro, havia tanto para os jovens pobres, como para os jovens da classe média, uma alternativa sempre interessante nos fins de semana que eram as famosas “brincadeiras dançantes” nos bairros.

Por volta de 1970, a população mariliense contava com mais de 70 mil habitantes, e os locais para diversão festiva para os jovens, em termos de lazer noturno, ao que parece, já não estavam tão reduzidos à área central. Embora o monopólio de grandes eventos constituísse quase uma exclusividade dos clubes, era fato que outros espaços também faziam parte de um circuito de lazer noturno de muitos jovens na cidade, como os cinemas, bares noturnos e até bordéis. Nesse período de transição entre final de 1960 e início dos anos de 1970, o circuito de lazer na noite geralmente começava pela prática do *footing* num trecho central da Avenida Sampaio Vidal, importante avenida na formação do núcleo comercial e histórico da cidade e onde se localiza ainda hoje a sede do poder municipal. Particularmente o *footing* era uma forma de encontro socioespacial muito comum entre os jovens nas cidades do interior, era o momento central para a paquera, oportunidade para os jogos da sedução, a linguagem corporal era explorada através das trocas de olhares, da roupa, das posturas e de outras expressões comportamentais, como mostrar cigarros no bolso, que para os jovens eram símbolos de ousadia e distinção. Depois do *footing*, os jovens iam para o cinema e para algum clube da cidade, que era outro momento importante no lazer dos jovens. Na cidade existia nesse período várias salas de cinema, inclusive a cidade era conhecida pelos famosos “festivals de cinema”⁹. Como na foto abaixo, um dos mais populares cinemas da cidade, “Cine Marília”, eram bastante frequentados, incluindo jovens pobres como das classes mais de maior renda.

Figura 1 – Cine Marília área central da cidade e sua popularidade



Fonte: Acervo fotográfico de José Duca Rocha, ex-morador da cidade de Marília

O “ir ao cinema” para os jovens eram um momento de abertura às coisas novas, ao contato com o externo, com as novidades de outros centros urbanos, com a moda, com comportamentos estranhos a suas cotidianidades. Ora um deslumbramento, ora um choque cultural, o significado do cinema para muitos jovens não estava resumido apenas ao passatempo dos filmes, mas a uma oportunidade para conhecer o mundo através das grandes telas, como também o espaço do cinema era em si, um mediador de encontros e descobertas, como mostram alguns depoimentos¹⁰ de cidadãos que viveram aquela geração.

LRR - “Naqueles dias andei estarecido; Vi a Leila Diniz de maiô de duas peças e ...pasmem! Fumando!”

AJ - “Na minha adolescência o mais famoso era o Cine São Luiz, depois veio o Pedutti, no Cine Marília passava filmes japoneses...mas um pouco mais nova adorava a sorveteria que havia ao lado do Cine Marília, foi lá que descobri chantilly rsrsrs”

IBA - “frequentei muito esta sala de espera, depois da sessão de cinema tomar alguma coisa no Cine Bar e jogar conversa fora com os amigos. Quanta recordação!”

Em termos de espaço público e externo, ir na Avenida Sampaio tinha, entre outros sentidos, o de ser visto e ver quem queria ser visto. E, claro, buscar aproximações interpessoais e aproveitar o tempo livre com um conteúdo lúdico. O que não deixa de ser um jogo, jogo de aparências e de hedonismo ao mesmo tempo. Ou seja, estar no espaço e ser no espaço constituía-se de várias ações cotidianas integradas que tinham por finalidade dar maior visibilidade a si mesmo. Os jovens levam muito em consideração estar visível ao público, pois a diversão também era chamar a atenção e estar aberto a diversas outras oportunidades, como de reforçar ou formar amizades, aproximar de uma turma, paquerar, atualizar as fofocas, conhecer as novidades e inovações em curso da sua geração.

Os jovens da periferia da época eram também visíveis na área central, mas isso não significava pertencimento e mobilidade a todos os espaços no centro tradicional da cidade.

Havia mesmo até um certa estigmatização e que começava pela própria representação espacial do local onde habitavam. Num dos bairros mais pobres e, ao mesmo tempo, populares da periferia de Marília, o chamado “Morro do Querosene”, a representação comum que se fazia era de um lugar “barra pesada”, imaginário que, não diferentemente, estendia-se aos próprios jovens do morro. Uma vez ou outra, quando os jovens do morro desciam para o *footing* noturno, podiam ocorrer desentendimentos com os jovens do centro. Pequenas rusgas, mas que já denunciavam diferenças de natureza social e espacial e também socioterritorial. Isto é, além das diferenças de classe social e de morarem em diferentes áreas da cidade e terem diferentes experiências espaciais – com a distância, mobilidade e serviços públicos - também tinham mutuamente diferentes visões sobre um e outro. Diferenças essas que ganhavam mais tangibilidade no espaço, na presença face a face.

Porém, esta segmentação juvenil não deve ser vista dentro de uma dicotomia bem encaixada. Vale dizer que havia outras assimetrias que se originavam dos estilos de consumo e das variações no estrato social. Por exemplo, segundo um dos cidadãos da área central e da classe média, ele mesmo não gostava muito de estar junto com os “playboys” ou “riquinhos”, já que as conversas não convergiam sobre os mesmos assuntos, além de não poder usufruir dos mesmos hábitos de consumo e diversão.

Os núcleos de lazer noturno onde se davam a convergência de jovens na noite, foram se ampliando na cidade e escapando um pouco também do controle dos adultos e autoridades. Ainda no começo dos anos de 1970, foi destaque o “Bar Karango”, local que se tornou de forte atração de jovens tanto da cidade, como de cidades próximas, exercendo uma centralidade de lazer importante. Ao contrário dos clubes e locais públicos onde os olhares e o efeito panóptico dos adultos eram mais constantes, estes bares forneciam duas coisas importantes, que era a oferta de bebidas e um espaço de encontro integralmente frequentado por jovens, onde a música e os grupos musicais tinham a mesma conexão geracional. Abaixo destaco dois relatos¹¹ que mostram a importância desses espaços na sociabilidade juvenil, em torno do “Bar Karango”:

CTU – “...era perto do Tênis Clube, a gente “matava aula” e ia lá...”

SAA – “ (...) nos reuníamos lá [Bar Karango] para conversar e paquerar...era muito gostoso...eu tinha um grande grupo de amigos que nos encontrávamos lá, perto da 18 horas e lá pelas onze já estávamos de volta pra casa...”

No primeiro comentário, “matar a aula” era se deslocar por espaços onde os ritmos e conteúdos eram antagônicos, de um espaço controlado e disciplinado, para um espaço de fuga, de autonomia, onde se podia realmente estar à vontade. No segundo comentário, o bar usado como um microespaço de encontro, do convívio com amigos e de um território livre à paqueração. Neste período, outros bares similares e próximos eram *points* ou espaços de fuga para os jovens mais ousados, como o “Mamute”; “Bar Marrocos”, “Shalako”, todos frequentados por jovens, e alguns já funcionando até altas horas da madrugada.

O núcleo principal de lazer da noite não divergia muito em termos de localização do centro comercial tradicional da cidade até o final dos anos de 1970. Mas, daí em diante pode-se acompanhar um processo de desconcentração e das áreas de lazer noturno, que não deixa de acompanhar também a desconcentração de investimentos e empreendimentos imobiliários, tanto residenciais como comerciais fora daquele núcleo tradicional da cidade. Há com isso uma ampliação da área central, e claro, uma expansão comercial e consequentemente dos espaços de consumo na cidade.

Também passa a se desenvolver uma cena noturna mais diversificada em termos de afluência de grupos jovens, agora com a presença de universitários, que passam a compor esse cenário depois da criação da faculdade de medicina e enfermagem da cidade, em 1967. As casas noturnas, bares e pizzarias de maior sofisticação e badalação começam a se fixar na Avenida Rio Branco, é ali que os jovens se tornarão mais presentes na noite, e onde o passeios e *point noturno* de lazer vão se fixar, nesta avenida é famoso o *point* da pizzaria “515”. Além disso, vai se formando no final dos anos de 1970 um núcleo de lazer noturno no centro-leste da cidade e que hoje ainda se mantém em torno do “Bar Chaplin”.

Os jovens pobres da periferia mariliense também passam a frequentar a Avenida Rio Branco, embora com uma prática espacial mais diferenciada, enquanto os jovens da classe média tinham acesso maior aos bares e outros estabelecimentos de lazer na noite, os jovens pobres estavam presentes na avenida, mas deambulando a pé, ou constituindo aglomerações em frente a alguns destes estabelecimentos. Porém, nesse período de transição dos anos 70 e 80, a maior convergência de jovens pobres para encontro com amigos e namoro era a Praça São Bento, localizada no centro-leste e algumas quadras do centro tradicional, aqui uma das explicações para essa escolha, talvez derive da proximidade com o terminal de transporte coletivo, cujos horários de funcionamento acabavam por definir o tempo de fruição do lazer na noite para estes jovens.

Neste período de transição já se percebe que além de novos espaços de lazer juvenil estarem se diversificando na cidade, vai também se formando uma segmentação e territorialidade juvenil mais diversificada, assim é possível distinguir os discotequeiros, roqueiros, punks, jovens da periferia e outros. É o momento dos microespaços das discotecas, onde os jovens encontram a oportunidades de experimentar múltiplas experiências sensoriais e dançantes. Algumas discotecas se destacaram neste período, como a “Mamuth”, “The Zoo” e a casa noturna “Dancing Ways”¹², todas se inspirando em nomes e decorações das discotecas dos grandes centros urbanos. Também se massifica as “músicas de bolso” ou seja, o uso de fitas k-7, a portabilidade para ouvir e compartilhar músicas torna-se uma febre entre os jovens. Também a cidade recebe diversos músicos de projeção nacional e até aqueles ligados a cultura alternativa, como Moraes Moreira¹³, e que se enamora da cidade, compondo até uma música, que aqui segue um pequeno trecho:

“Amor e liberdade
A cidade é uma moça
Também não tem idade
É o espírito a força
Da mocidade (...) “

A cidade está naquele momento, em que a televisão e as rádios estão bem massificados e arraigados no cotidiano dos cidadãos, cuja programação está submetida as realidades estéticas e culturais de centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo. São mensagens, músicas, moda costura, ídolos cujas referências que chegam na cidade, vão ter impacto e refletir em diversas formas de expressividade corporal entre os jovens, por exemplo, o uso das calças “*Us Top*” um jeans que desbota, substituindo as antigas calças rancheiras, as meninas passam a vestir calças de cós baixo, sapatos plataforma ou tamancos. Já nas danças grande parte dos jovens querem dominar e ensaiar os inúmeros “passinhos de dança” para desfilarem nas discotecas, as meninas e meninos mais românticos não ficavam de fora, com as “músicas lentas” vinha a oportunidade de ficar “coladinho”, onde espaços e corpos se estreitavam no limite.

Deve-se deixar claro que o processo de formação de núcleos de lazer em Marília não surge de forma totalmente espontânea, mas acompanha o próprio ritmo de expansão do tecido urbano, sobretudo através dos investimentos do setor imobiliário e dos agentes econômicos internos da própria cidade que direcionam investimentos para espaços com forte potencialidade de capitalização. Merece atenção neste caso, a zona Leste, em torno da Avenida das Esmeraldas que até início dos anos de 1980 era quase um vazio urbano, em termos de habitação, não era em termos de espaço de diversão para muitos jovens, ainda que as ruas fossem de terra batida, ali nas tardes de fins de semana, muitos jovens da cidade como de fora dela, realizavam encontros festivos e rachas de motocicletas, assim como outras acrobacias radicais. Um espaço de fuga, para os excessos e ao mesmo tempo um espaço territorializado pela juventude, sobretudo dos universitários e da classe média.

Porém na segunda metade dos anos de 1980, essa mesma região da cidade passa a receber empreendimentos ligados a construção de moradias de alto padrão em condomínios fechados e na avenida surgem estabelecimentos comerciais de perfil voltado aos consumidores de renda elevada. O setor público também investe em melhorias do equipamento urbano, com destaque para a construção de uma pista de *cooper*, que acaba servindo a múltiplas práticas espaciais recreativas. Esta região da cidade vai se transformar numa área de forte convergência de consumidores e usuários do espaço público, uma centralidade que ganhará mais força, com a implantação do primeiro *shopping center* da cidade, o Esmeralda Shopping já nos anos de 1990.

A frequência juvenil na Avenida das Esmeraldas, não declina, com esse processo de expansão e sofisticação habitacional e terciária, ao contrário aumenta, com jovens que vão passear de carro ou pé na avenida a noite. Gradualmente os jovens que antes tinham maior presença na Avenida Rio Branco, vão se deslocando em termos de busca de ostentação e diversão no novo corredor terciário. O que era fonte de aglomeração e territorialidade juvenil na Avenida Rio Branco, agora se desloca no final dos anos de 1980 para Avenida das Esmeraldas, que vai assim se transformando no núcleo de lazer noturno principal da cidade. Ali ocorrendo eventos produzidos e divulgados pelos próprios jovens, nas noites de final de semana. Com toda a avenida ocupada pela presença juvenil nas noites, muitos em grupos de colegas, outros percorrendo a pista de *cooper*, outros tantos passeando de carro e motocicletas. Ali se encontravam, na noite, tanto jovens da área central, como da periferia.

O circuito juvenil noturno já nesse período dos anos de 1980 tornara-se mais amplo e mais diversificado, englobando a Avenida Rio Branco, Avenidas das Esmeraldas, Praça São Bento, entorno do Bar Chaplin e começo da Avenida da Saudade. Esta última territorializada por grande quantidade de jovens universitários, oriundos da região oeste da cidade onde passou a se instalar o campus da UNESP e universidades privadas. Por outro lado, o centro principal que foi em décadas o espaço por excelência do lazer noturno, vai se tornando opaco e decresce fortemente em frequência juvenil. As casas noturnas, bares e as festas mais badaladas estão agora espalhados em outros núcleos de lazer da cidade. Mas aqui cabe uma ressalva importante, pois ali ainda no centro principal se encontrava um reduto de forte aglomeração e festividade juvenil, uma centralidade da música Black, na Avenida São Luís, com destaque para a casa noturna “Scala” que era famosa pelos “bailes do Palinha”, atraindo jovens dos bairros pobres da cidade, que vinham por transporte coletivo ou a pé, para curtir as sensações e as novidades relacionadas a cultura negra em termos de música e outras estéticas. Aproveito para apresentar uma parte do relato de um cidadão¹⁴ que frequentou aquele espaço:

“O baile tocava Soul Music, James Brown e outros. O pessoal dançando cada um do seu jeito, entrava a música romântica, aquele último funk e globo começava a rodar. Então já focávamos na “mina” que estava olhando (...) O rap começou na minha vida em 1987, eu morava no “arraial” [Morro do Querosene] recentemente, e tinha uns bailes Black, que tocava muito funk e James Brown. Era muito legal tinha o pessoal do “moletom”, do “terninho” e “sapatinho”. Pessoal vinha no “busão”, as tribos eram meia separadas, mas tudo sem confusão, pensa no pessoal do funk colocando aquele “breyzinho” tinha o pessoal do moletom, mas tudo na paz. Na Avenida Rio Branco, ficavam andando os “playboyzinhos” na “515”. Era um “Black total” as mulheres davam um trato nos cabelos. Quem era do “blazer” e funk arrastado vestia uns sapatinhos com sininhos, moleques com os moletons da Adidas. Quem não tinha dinheiro para comprar “All Star”, então o “Le cheval” salvou”

O relato acima, mostra as diferenças entre os “da periferia” e os “playboyzinhos”, não apenas pela condição de renda, mas pela diferença cultural e espacial. Mas também diferenças de gosto, atitudes e estéticas entre os frequentadores da mesma casa noturna. O que traz a questão do foco nos microespaços e das culturas juvenis, um espaço único coexistindo as vezes, diferentes culturas juvenis, mas através de sub-reptícias formas de negociação. O relato também indica a continuidade de um lazer noturno segmentado em termos de grupos juvenis como também territorializado em diferentes espaços da cidade. Ainda que existissem, espaços de frequência digamos mais mistos e badalados, como na Avenida Rio Branco, ou mesmo Avenida das Esmeraldas¹⁵, ainda assim, havia espaços cujas identificações culturais e sociais eram bem demarcadas, distintas e até divergentes.

A NOVA RECONTEXTUALIZAÇÃO DO LAZER NOTURNO NA ÁREA CENTRAL

No início dos anos de 1990, há forte impulso no setor imobiliário e terciário da cidade, que se refletirá no lazer noturno, decorrente da explosão de jovens universitários na cidade, momento em que a cidade já conta com duas universidades, uma faculdade de medicina, assim como o hospital universitário. É um período de aumento de oferta de cursos universitários, principalmente nas áreas de ciências agrárias, que se reflete no grande fluxo de estudantes de várias cidades do interior de São Paulo, como também de outros estados. A necessidade de abrigar milhares de estudantes implicará na verticalização habitacional da zona oeste, para dar conta de uma demanda crescente de estudantes. Juntamente com esse processo, que age na expansão do tecido urbano, a indústria do lazer cresce na cidade, refletindo em maiores ofertas de espaços de consumo, visando atender também esta demanda crescente de jovens que buscam a diversão noturna, o que resulta no surgimento de bares, casas de *show* e maior número de eventos e festas que se implantam na área central e na porção oeste da cidade¹⁶, onde se concentra maior número da população universitária. Estabelece-se uma paisagem de lazer¹⁷ orientada para diferentes segmentos sociais e compondo um processo de descentralização terciária na área central, com novos corredores comerciais. Em relação ao lazer noturno, multiplicam-se os núcleos de lazer e estabelecimentos ligados à noite, nessa área.

Os núcleos de lazer noturno da Avenida Rio Branco e da Avenida das Esmeraldas ganham maiores aglomerações de jovens que vêm das áreas periféricas, da área central e agora contam com a presença dos universitários, o que não deixa de produzir alguns

desentendimentos, já que os cidadãos locais nem sempre vão conviver em harmonia com os universitários. Por outro lado, muitos bares da área central passam a ter forte aglomeração de jovens universitários, muitos deles fortalecendo, por exemplo, o núcleo de lazer noturno em torno do Bar Chaplin, no centro-leste da cidade. Eles passam também a constituir público para grandes *shows* de música na cidade, e reacendem a demanda para festas como de rodeios e *shows* sertanejo e forró. As festas de repúblicas de estudantes vão fazer parte do programa de lazer de muitos jovens da cidade, algumas destas festas se concentrando não apenas nos fins de semana, como no meio de semana. Já se percebe neste período, o crescimento demográfico¹⁸ e multifuncional da cidade, com o incremento dos setores do comércio, saúde e educação. São mudanças que se associam os segmentos juvenis e formas de sociabilidade juvenil cada vez mais plurais, e que vão fomentar a vida noturna nos diversos núcleos de lazer noturno, há por assim dizer, uma geografia da noite multifacetada e com maiores fluxos que as décadas anteriores, mais trânsito (automóveis, motocicletas e transporte coletivo), mais pessoas, mais demandas de segurança pública, e sobretudo, um circuito comercial e consumista significativamente produtivo.

A cidade, ainda durante os anos de 1990 vai receber grandes investimentos no setor habitacional seja popular como empreendimentos residenciais para os setores de maiores poderes aquisitivos, o que implica uma dispersão espacial, combinada com formas de exclusão e segregação socioespacial. Muitos dos bairros populares serão instalados nos extremos da zona norte e sul da cidade, distanciando-se muito da área central. Por sua vez, os investimentos privados na construção de condomínios fechados e prédios residenciais para os cidadãos de maior poder aquisitivo também cresce, mas são mais favorecidos pela menor distância da área central e de mais fácil acesso. Outro influxo está nos investimentos de grandes redes de lojas varejistas, franquias de alimentação, supermercados que vão se instalar na área central. Tal influxo não deixará de ter impacto no lazer noturno, são postos de combustível com serviços de conveniência, *fast food* e bares com diferentes perfis de atendimento que vão ajudar a compor a geografia noturna da cidade. A área central se consolida como uma centralidade polinucleada, com conexões comerciais e culturais internas e interurbanas.

Eventos e festas com artistas de projeção nacional vêm a cidade, nos clubes e arenas universitárias. Neste período, o grande patrocinador de grandes eventos é a Universidade de Marília, regida por uma administração privada, os estudantes realizam grandes festas, como rodeios, e *shows* nos finais e meio de semana. Torna-se conhecido na região da Marília e mesmo fora dela, a festa “Todo Torto”, com milhares de jovens da cidade e da região, com várias atrações musicais e realizados na própria Universidade. Muitas destas festas universitárias começavam a partir das iniciativas individuais ou de amigos e que mais tarde acabaram se tornando um negócio lucrativo, como sugere este relato abaixo:

Na faculdade, no curso de administração da UNIMAR, havia uma necessidade de confraternizar (...) a gente fazia as famosas vaquinhas e para fazer um churrasquinho, lá na UNIMAR era no Búfalo ou nos quiosques lá embaixo. Pegava a quantia de cada um e comprava e organizava. Comprava carne e tinha um amigo que tinha caminhonete com o som, o que acontecia, a gente organizava, levava as mesas e o pessoal contribuía com o dinheiro. Começamos ver que mesmo organizando, além de sobrar bebidas, sobrar carne, sobrava um pouquinho de dinheiro e principalmente a mulherada. E com a mulherada você ficava em destaque. Dava visibilidade. Tinha cobrança, “quando vai ser o próximo”. E aí começou a encorpar, até os professores da

faculdade, porque a faculdade tem essa parte, começou como uma brincadeira né, e o negócio foi encorpando, o pessoal começou a ir e foi tendo uma cobrança, começou com uma confraternização de sala e nessa organização já sobrava além de carne e cerveja um dinheirinho, pois você não sabe ao certo, você pede 20 reais para cada um, uns consomem menos e outros consomem mais, mas na época era sempre com sobra, além de sobrar, tinha o prestígio, com o pessoal uma visibilidade com as meninas, na época da faculdade (...) ¹⁹

Acompanhando o relato, pode-se saber que as festas universitárias eram muito populares entre os universitários, sobretudo, porque, muitos podiam praticar os excessos longe dos olhos dos pais, a maior parte dos estudantes vinham de outras cidades do interior e mesmo da região centro-oeste do país. E o investimento para torná-las efetivas era questão de acertos entre os próprios estudantes, os “comes e bebes” da festa, geralmente era mais regulada, por mais “bebes” já que a cerveja e destilados, etilicamente dava vazão ao lúbrico, quanto aos eventuais enlances corporais e amorosos, como para a farra desenfreada, não raramente estendida até o Sol raiar.

Os investimentos incrementam a área central, cujo conteúdo cultural de massa se fortalece ligando-se a uma globalidade, já que suas formas e conteúdo se conectam com as tendências culturais e estéticas dos grandes centros e metrópoles. Este processo se intensifica atualmente com as boates, que se instalam na Avenida Sampaio Vidal, apresentando a mesma sofisticação externa e interna das boates dos grandes centros. Os eventos e festas são agora mais profissionalizados, envolvendo grandes empresas fornecedoras de bebidas, divulgação que se estende através das redes sociais, passando pelos grandes meios de comunicação. A periferia da cidade também incorpora grandes investimentos, como o novo Shopping Marília e até universidades novas, que se localizam na área periférica da cidade. No nível dos sujeitos sociais, a maior permeabilidade transcultural e transterritorial²⁰ via novas tecnologias que os jovens dispõem atualmente também permitem que estes possam se identificar com as modas e interagir com signos e símbolos de culturas juvenis de outros centros urbanos.

No âmbito do lazer noturno, o que vem se observando até este estágio da pesquisa, é que a área central da cidade conta com maior número e diversidade de contextos espaciais onde se concentra a juventude boêmia da cidade em comparação com décadas anteriores. A continuidade está ainda na segmentação jovem por conta da renda e distância espacial, já que os jovens da periferia pobre continuam tendo uma inserção parcial nas áreas centrais, embora haja outras formas de mobilidade, que ajudam esses jovens a estarem mais visíveis na cidade, como uso de motocicletas e automóveis, porém a descontinuidade está na variedade de estilos culturais e a territorialidade múltipla que passam a compor a geografia da noite em Marília. Uma maior mobilidade que significa poder, e como diferentes grupos sociais podem exercer seus recursos e influência²¹, os rôles dos jovens da periferia na área central tensionam com as visões bem encaixadinhas de que cada um deve estar no seu lugar, ou das tentativas de ocultações dos grupos sociais mais pobres e afastados espacialmente.

Isso quer dizer que embora os jovens com melhor poder aquisitivo possam realizar circuitos de lazer em diferentes escalas da cidade e ter mais acesso a essa diversidade de núcleos de diversão, os jovens mais pobres também vem compondo os circuitos na noite, ao desenvolver uma territorialidade múltipla, ou seja, visitarem e estarem em diferentes locais na noite, seja nos *shopping centers*, postos de conveniência, avenidas, bares. Outra descontinuidade é a multiplicidade de espaços de lazer noturno ligados a diferentes estilos

musicais, como rock, sertanejo, samba. Também o surgimento de casas noturnas que atendem diferentes públicos jovens em termos de preferências socioculturais, tal como uma boate GLS, instalada no núcleo de lazer universitário.

CONCLUSÃO

O que considero importante destacar é que as cidades médias, como o caso de Marília explorado aqui, estão sujeitas tanto às alterações do tecido urbano, como também as de ordem social, no que implica as práticas socioespaciais e territoriais de grupos da cidade, ao descrever algumas destas práticas entre os grupos jovens da cidade, parece claro que a vida noturna, que estes grupos conferem em alguns espaços da cidade, reforçam e mesmo proporcionam a exploração diferenciadas nas centralidades da cidade. Suas sociabilidades e territorialidades vão constituir o cerne do consumo da indústria do lazer noturno e de vida social quanto a uma geografia da noite.

A própria indústria do lazer noturno se diversificou e se ampliou na cidade: mais festas, eventos e novos contextos espaciais, que foram sendo territorializados pelos jovens, tanto nos espaços públicos como privados, como nos *shopping centers* e algumas avenidas da cidade. Na medida em que área central se expandiu, também novos núcleos de lazer noturno passaram a constituir espaços de encontro juvenil e polos de consumo. O que equivale também a dizer que a oferta de consumo durante a noite passou a constituir uma dimensão econômica significativa na cidade, em complemento ao circuito econômico e comercial que vigora durante o dia. Por outro lado, isso está acompanhado da diversificação dos grupos e formas de sociabilidade juvenil que cresceu nas últimas décadas em conexão e absorção das tendências estéticas e culturais de outros centros urbanos. Por último, a paisagem de lazer noturno juvenil tem como continuidade ao longo das últimas décadas, um processo de segmentação não apenas de práticas e estilos culturais que se diferenciam, mas que se territorializam ora coexistindo em espaços comuns, ora se territorializando em espaços que os distinguem tanto pelo perfil cultural como socioeconômico, porém uma descontinuidade é a visibilidade maior dos jovens da periferia pobre nas áreas centrais, através de um maior poder de mobilidade.

NOTAS

1 Este trabalho está baseado numa apresentação no Congresso Brasileiro de Geografia em 2014, com o título “Práticas socioespaciais juvenis no lazer noturno em Cidades Médias”, porém aqui amplio com outras considerações de ordem descritiva e analítica. Este trabalho também é parte de minha pesquisa de doutorado que está em andamento, cujo objetivo central é entender como os jovens pobres da periferia das cidades de Bauru e Marília realizam seu lazer noturno, como se territorializam e vêm desenvolvendo suas formas de sociabilidade na noite.

2 Uso o termo cidade média com referência nos estudos de vários autores e nas próprias pesquisas do GASPERR, que buscam compreender as mudanças estruturais e econômicas dessas cidades, em articulação com aquelas que acontecem nas redes urbanas.

3 Acentuamos a reestruturação da cidade, mas não se ignora sua relação com as reestruturações na escala interurbana. Enquanto a primeira destaca as transformações internas da cidade no nível socioespacial e estrutural, a segunda privilegia a rede urbana e as lógicas econômicas que também vão induzir recontextualizações na escala intraurbana.

4 Me aproprio deste conceito a partir de Martins (2007, p.41) para quem o “tempo

geográfico” constituiria a “síntese dos ritmos que compõe o equilíbrio\desequilíbrio de um momento”, portanto, a duração da noite é a síntese dos vários ritmos e da vida presente nas festas, nos acontecimentos nas ruas, no agito dos bares e restaurantes, nas aglomerações nos cinemas, etc., e que perfazem juntos a noturnidade.

5 Weller (2010) destaca que esse conceito surge em Mannheim, e tem ligação com a “unidade geracional”, ou seja, os jovens podem viver uma época diante dos mesmos problemas e crises, mas podem reagir diferencialmente, explorar diferentes potencialidades, e assim desenvolver também diferentes estilos e comportamentos, então embora tenham uma conexão geracional, nem sempre forma uma unidade digamos coesa.

6 Para Pais (2003) de fato a juventude tende a valorizar os extremos, mas ela aponta também inovações e diferenciações e a auto-realização.

7 Essa percepção de distância física está muito entrelaçada a contextos espaciais e temporais específicos, nesse caso estamos falando de um período onde grande parte da população andava a pé ou de bicicleta e não de uma sociedade urbana massificada por veículos motorizados, como é atualmente, além disso, o Clube estava numa área de inicial dispersão urbana.

8 Conceito nativo, ou seja, oriundo das práticas dos próprios sujeitos, neste caso dos jovens, relaciona-se ao lugar onde frequentam e reconhecem como um espaço de encontro e diversão na cidade. Bares ou locais similares que funcionam como espaços onde os jovens se aglomeram. Podendo servir como ponto de referência num núcleo de lazer noturno, onde existem outros estabelecimentos no entorno.

9 Os Festivais de Cinema em Marília, tinham forte glamour na cidade e região, inclusive tendo a presença de artistas importantes no cenário do cinema da época com Anselmo Duarte, como mais tarde da televisão, como Reginaldo Faria.

10 Comentários extraídos do “Grupo Memória de Marília” na rede social e virtual do Facebook. As letras maiúsculas são as iniciais dos nomes dos comentadores.

11 Comentários extraídos do Grupo Memória de Marília através da rede social e virtual do Facebook.

12 Nome claramente derivado da discoteca “Dancing Days”, uma construção ficcional e icônica da teledramaturgia brasileira, cuja nome da novela é homônima.

13 Uma grande contribuição sobre essas particularidades da cena juvenil da cidade se dá pelas informações da historiadora Wilza Aurora Matos Teixeira, também membro da Comissão Organizadora de Registros Históricos da cidade de Marília.

14 RK é um cidadão hoje com 43 anos e músico de uma pioneira banda de rap da região de Marília, desde os anos 90.

15 O que também é relativo, o que entra no foco dos microespaços, pois mesmos estes núcleos de lazer noturno, eram mistos no sentido da presença de diferentes segmentos juvenis, mas não necessariamente que tinha os mesmos acessos ao consumo ou estavam juntos nas mesmas esquinas, ou nos mesmo bares.

16 Essa porção da cidade tem uma vida diurna ligada as funções estudantis, porém, durante o dia, o movimento nas ruas é mais parado e com pouca oferta de outros serviços terciários a essa população juvenil, que recorre aos estabelecimentos de outros corredores terciários.

17 Quando falamos em paisagem, o que queremos salientar é a dimensão do imediato, mas não reduzido apenas a descrição empírico-sensível das formas da cidade, mas vai além, como uma soma dos momentos que é o resultado de forças e processos realizados pela sociedade, o que resultam de tempos acumulados.

18 A cidade conta com aproximadamente 160 mil habitantes. Fonte: Seade 2010.

19 WBMI- Cidadino que veio estudar em Marília nos anos de 1990, vindo do Mato Grosso do Sul, hoje é empresário da noite, como produtor de eventos na região de Marília.

20 Esse fenômeno vem sendo estudado por Turra Neto (2012) que entende que para a transterritorialidade ocorrer torna-se necessário que as condições materiais e técnicas ocorram, ou seja, o espaço tem que ter aberturas para o exterior e contar com iniciativas da indústria cultural.

21 Aqui me coloco em consonância com a ideia de geometria do poder de Massey (2000) que poderia ser entendida como se dão de forma desiguais as estratégias socioespaciais dos diferentes grupos sociais, e de como se posicionam diante dos outros grupos no e pelo espaço.

REFERÊNCIAS

DIÓGENES, G. **Cartografias da cultura e da violência**: gangues, galeras e movimento hip-hop. São Paulo: Annablume, 1998.

DUMAZEDIER, J. **A revolução cultural do tempo livre**. Trad. Luiz Octávio de Lima Camargo. Colab. Marília Ansarah. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1994.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro : LTC, 1989.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da moeda, 2003.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Revista Sociedade e Estado**. [online]. v. 25, n.2, p. 205-224, 2010.

MARTINS, E. R. Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do Ser. **GEOUSP: Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 21, p. 33-51, 2007.

MASSEY, D. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, Antônio (org). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. p. 177-186.

TEIXEIRA, W. A. M. **Show de bola! Conheça a gíria falada nas ruas de Marília... e então bicho, vamos nessa?** Disponível em: <<http://jornalismoatodahora.com.br/show-de-bola-conheca-a-giria-falada-nas-ruas-de-marilia-e-entao-bicho-vamos-nessa>> Acesso em: 3 jul. 2013.

TURRA NETO, N. Juventudes e territórios na cidade. In: PASSOS, M. M.; CUNHA, L.; JACINTO, R. **As novas geografias dos países de língua portuguesa**: paisagens, territórios e políticas no Brasil e Portugal. São Paulo: Outras Expressões, 2012. p 425-433.